

A SOCIALIZAÇÃO DA CULTURA REGIONAL

Maria Neusa G. Gomes de Souza

INTRODUÇÃO

Este artigo resultou de uma pesquisa de doutorado em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, iniciada em 2008, e finalizada em 2011. Partimos de um questionamento: *A cultura regional na metodologia do professor, a história, a música os brinquedos e as brincadeiras - uma interdisciplinaridade?* O objetivo da pesquisa é analisar por meio da metodologia do professor, se a cultura regional transmitida se manifesta de forma interdisciplinar.

Duas análises nortearam a escrita deste texto, a primeira referente à reflexão sobre o que é **cultura**, alguns conceitos de cultura, a cultura regional na escola; o outro ponto é a **interdisciplinaridade** como atitude em sala de aula, sobre esta possibilidade inovadora de mostrar caminhos de ação, no contexto regional.

O despertar para o tema cultura se deu pelo fato de que na cidade de Coxim\MS existe uma diversidade de manifestações culturais; de histórias; de fenômenos; de feitos e avanços. Então nos questionamos se essa riqueza cultural pode ser caminho de aprendizagem em sala de aula.

No dia a dia, nos deparamos com a arte estampada nas áreas públicas, nos muros da cidade, como no caso das escolas, pinturas das reproduções das obras de artistas plásticos de renome, executada pelos alunos e até em árvores lendárias no expressar da própria natureza. Há muitos anos existe um projeto Poesia na Escola, desenvolvido pela rede municipal, um concurso estimulando a produção poética dos alunos. Nas paredes das casas ribeirinhas do rio Taquari, pinta-se todo ano o mapa da rota Monçoeira e Bandeirante que passou por Coxim. Existem um marco da guerra do Paraguai na praça, e várias influências da história, da literatura, dos índios kadiwéus, e músicas e artes, e objetos antigos e pantaneiros, que nos circundam, pouco transmitidos e trabalhados no meio educativo.

Na cidade existem três museus, isto mostra a preocupação com a memória e valores regionais e locais. O primeiro, o Parque Temático com esculturas em tamanho natural da representação de algumas lendas, conta com o acervo de objetos antigos e de

artes e ainda uma biblioteca. O segundo é o Museu Arqueológico, com fotos, documentos, cerâmicas indígenas, e objetos antigos. No terceiro, temos o Centro de documentação e Memorial Henrique Spengler, que abrigam em sua maioria livros de história regional, artes plásticas, objetos pantaneiros, utensílios antigos, jornais e documentos variados. Este pertence à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul ao Campus de Coxim, aos cuidados do departamento de história. O Centro de Documentação funciona em uma construção de mais de meio século de existência.

Na verdade as barreiras culturais caracterizam cada grupo regional com bastante diversidade. Mato Grosso do Sul é vizinho de cinco estados: Minas Gerais, Goiás, Paraná, Mato Grosso, São Paulo e dois países da América Latina: Paraguai e Bolívia. Imagine tamanha influência na formação cultural de uma população.

Afirmamos a importância da língua e da cultura na formação de um povo, para a unificação de um país como Nação, elementos como a história, religião, língua e cultura; aliados ao sentimento de unidade e pertencimento a um lugar; com os valores e comportamento, pensamentos e costumes dos mais simples que nos caracterizam.

Uma região pode ser conceituada por sua área geográfica, histórica, cultural etc. neste caso o olhar é sobre o aspecto cultural, observamos que as regiões brasileiras não existem somente pela cartografia dos mapas e nem são delimitadas por muros de concreto, mas por uma linha territorial imaginária, formada pela complexa cultura do povo, respeitadas por todos, separando grupos diferentes.

Portanto, não podemos ignorar o universo desta cultura. Assim, a nossa inquietação aumenta como professora e pesquisadora da educação e, também por perceber que a metodologia e o processo de ensino-aprendizagem em suas múltiplas linguagens vêm facilitar tal compreensão, podendo ser uma cultura possível, desses sujeitos que habitam tal contexto. Acreditamos no envolvimento do professor no processo de aquisição de tal cultura na interação e socialização em sala de aula, como atitude interdisciplinar de fazer do conhecimento um momento de aprendizagem.

Logo, que cultura é esta que se apresenta como possibilidade de elaboração nas Ciências Humanas? Para responder a esta pergunta é preciso enxergar o momento crítico que o mundo vive hoje. O pós-modernismo é o que vivemos na atualidade, e debates emergem sobre esse momento pós- crise das mega teorias que explicavam o mundo em que vivemos e já não dão conta mais, estamos no mundo em constantes

transformações, com a aceleração dos acontecimentos que se tornam história, com a globalização nos costumes e ideologias, com a rapidez das informações nos avanços tecnológicos- celulares, Internet, Televisão, rádio etc. Pós-modernidade não é um movimento unificado, com membros de ideologias de esquerda ou direita nem centro. As ciências humanas vivem uma crise, uma reavaliação em suas teorias para o avanço em se ajustarem nas reviravoltas amplas do campo socioeconômico, político e cultural. Isto gerou uma abertura a valorização da subjetividade, a busca do sentido e significado das experiências.

Podemos considerar alguns, autores pós-modernos nomes como: Lyotard, Burke, Certeau, Foucault, Chartier, H.White, Hall, Deleuze, Derrida, Merleau-Ponty, Ricouer, Fazenda, Gusdorf, Martins, entre outros que devido à visão de ruptura com as teorias estabelecidas, a visão da heterogeneidade, a observação dos desvios, das divergências, a visão do particular e não do global, a ênfase nas novas práticas, as mudanças e a abertura de possibilidades, geraram avanços neste patamar.

Assim, **cultura** é uma palavra de origem do *latim*, **colere** com sentido de cultivar, *cuidar* segundo Chauí, (2004). No decorrer do tempo o sentido foi se alterando. A partir d séc. XVIII que ela adota o sentido de resultado e consequência da educação dos seres humanos, associada à imagem de civilização que vem da palavra latina **civis**, ou seja, cidadão. Nas Ciências Humanas é considerada como desenvolvimento intelectual e civilização, logo como aprendizagem.

Em uma primeira interpretação podemos dizer que na Sociologia, cultura significa um sistema de idéias, conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma determinada sociedade; na Antropologia é considerado o estado ou estágio do desenvolvimento cultural de um povo ou período, caracterizado pelo conjunto das obras, instalações e objetos criados pelo homem desse povo ou período; conteúdo social; na Arqueologia um conjunto de remanescentes recorrentes, como artefatos, tipos de casas, métodos de sepultamento e outros testemunhos de um modo de vida que diferenciam um grupo de sítios arqueológicos; e na Filosofia um conjunto de conhecimentos e práticas aprendidos e ensinados, por contraste com o que é inato. Por exemplo, se um pássaro não tem de aprender a fazer o ninho, fazendo-o instintivamente, então esse ninho não é um produto cultural; mas se tiver de ser ensinado a fazê-lo, então esse ninho é um produto cultural.

Na história o estudo se foca mais no estudo da história da civilização como um todo, os acontecimentos, não só os grandes feitos, mas a história dos vencidos, as idéias de cada período, englobando hoje na história nova a perspectiva do cotidiano, do ambiente, das vestes, da infância, enfim do tempo presente. Observamos então, que há transformações geradas, para compreender os desdobramentos da ação humana no processo histórico, por meio dos fenômenos até o presente e que a cultura na educação poder engloba uma série de conhecimentos, idéias, formas de ser e viver, de se expressar e aprender.

Para os pensadores alemães o termo *Kultur* diferencia-se de civilização, a primeira seria relativa à razão e espiritualidade e a segunda as conquistas materiais. Cultura e civilização são temáticas mais pesquisadas no campo da sociologia, história e antropologia; mas a análise dos fenômenos culturais algum tempo atrás desfrutava de um prestígio “menor” no campo intelectual.

Alguns autores propuseram a existência de uma Teoria da Cultura, matriz abrangente capaz de abarcar as expressões de todas as sociedades humanas: *cultura* significaria nesse caso uma totalidade que abrangeria dos artefatos materiais ao universo simbólico. Para o que nos interessam, dois aspectos são importantes: cultura popular e questão nacional. Como demonstra Peter Burke, (1990) o conceito de cultura popular nasce na virada do século XVIII com o romantismo alemão. Os intelectuais querem recuperar um conhecimento tradicional, diluído no tempo, um patrimônio ancestral marca de uma cultura nacional.

Conforme Ortiz, (2002) na América Latina, o interesse pela cultura popular é semelhante ao que ocorre nos países periféricos europeus. A modernidade, ou seja, sua realização “incompleta” implica o oposto, a riqueza das tradições populares é vista como um entrave à modernização pelas elites dominantes. Já nos Estados Unidos, o que se entende por cultura popular praticamente se identifica ao de “cultura de massa”, isto é, aos bens culturais produzidos industrialmente.

Na Europa, particularmente na França, os estudos sobre a cultura de massa surgem com o livro de Edgar Morin, *L'esprit du temps*, em 1962, ainda nos anos 60, Morin e Barthes fundam o *Centre d'Étude de Communication de Masse* com a revista *Communication*. É do mesmo período o *Centre for Contemporary Cultural Studies* em Birmingham, cuja presença será importante na futura criação dos Estudos Culturais.

Datam também desse período 1960 a criação das faculdades de comunicação, espaço que se especializa nos estudos sobre as indústrias culturais. O tema, cultura de massas, corresponde a uma reorganização profunda do campo cultural. Cabe lembrar que nenhuma sociedade, antes do século XX, conheceu um tipo de instituição semelhante, na qual a organização da cultura encontra-se separada da vida daqueles que a utilizam.

Os Estudos Culturais originários da Inglaterra e dos Estados Unidos apóiam os trabalhos interdisciplinares, e questionam a existência das fronteiras disciplinares. Diante do enrijecimento do conhecimento disciplinar, propõe-se uma abertura intelectual, interdisciplinar o que parece salutar.

Para o cientista político, Huntington, em sua obra *O choque entre as civilizações*, (2000) uma civilização é a representação mais forte de uma cultura; ex. Chineses; as identidades culturais das civilizações direcionam a coesão e conflito no mundo moderno entre os países. Após a Guerra-fria as distinções não são ideológicas políticas ou econômicas, mas culturais, a pergunta: Quem somos? emerge. As pessoas se definem em termos de antepassados, religião, idioma, história, costumes. E se identificam como grupos culturais. A política mundial se reconfigura e os conflitos mais perigosos se darão entre os povos com diferenças culturais extremadas. Esses conflitos já estão acontecendo e aumentando na África, Ásia, leste europeu. Em termos políticos só sabemos quem somos quando sabemos quem não somos e contra quem estamos. As afinidades culturais cooperam nas relações políticas e econômicas e o inverso prejudica as mesmas.

Afirma tal autor que o momento é das pessoas se auto afirmarem em suas identidades, devido às mudanças aceleradas em todas as áreas das experiências humanas, procuram então raízes ou ligações para a defesa do desconhecido, do momento novo em que vivem. Nunca a população do mundo buscou tanto suas raízes no passado como agora, na religião dos antepassados, na história das famílias; nas marcas deixadas pelo tempo; na natureza etc.

O caso da Austrália: é um país de colonização inglesa, localizada no oriente e recebeu cultura ocidental. Nos anos 90 os líderes políticos resolvem se afastar do ocidente e se redefinir como sociedade asiática e adotar a cultura oriental. O primeiro

Ministro *Keating* afirmou que era para estabelecer a identidade do país como independente. O que ocorreu?

Acreditavam que a economia se sobrepunha à cultura e o impulso era então a economia da Ásia Oriental a qual participavam em 1993 como uma grande rede nas importações e exportações do país mais do que com o ocidente. As elites discordavam dessa guinada para o oriente e a opinião pública estava indecisa.

Quando um político defendia a união com a Ásia recebia mil cartas de ódio manifesto da população contrária. Outro problema era que as elites asiáticas eram pouco receptivas a idéia da união. Os Indonésios consideraram improvável ou impossível o país se tornar asiático (costumes, idéias etc.). Os Tailandeses tinham uma “tolerância perplexa”. O primeiro ministro da Malásia disse “culturalmente a Austrália é européia e não é compatível com o grupo”. Em resumo excluíram do grupo porque não aceitaram as diferenças deles. Se observarmos bem, realmente predomina no Australiano os valores da democracia, direitos humanos, liberdade de imprensa, protestos coisa que no oriente seus vizinhos são violadas. Um diplomata afirmou que não acreditava que os australianos fossem abrir mão desses valores para ser aceito na região, nem mudar comportamento, caráter e estilo de vida para ser aceito. O próprio Ministro Keating com sua franqueza e atitude direta chocou os asiáticos que são mais reservados, sutis, e criou-se um país dividido. A saída seria o país se alinhar com EUA Canadá e Nova Zelândia conciliando cultura e economia para uma identidade sólida e duradoura. A questão ainda não teve solução.

O caso do México: enquanto os dirigentes da Austrália buscam se incorporar ao Oriente a despeito da população, o México força sua entrada na sociedade como país norte- americano e não latino- americano, desde a dec. de 80, através do presidente Salinas, com apoio das elites políticas e do povo; mas rejeitados e discriminados como não europeus e não americanos pela descendência indígena apesar da influência ocidental hispânica. Os EUA rejeitam este estreitamento com o México. As tentativas de redefinição cultural não tem tido sucesso, as culturas de cada lugar tem uma força, uma capacidade de resistência, renovação, e absorção por isso o que sempre tem acontecido é um país dividido com tentativas fracassadas.

Os casos são exemplos que nos fazem pensar sobre nós, nossa civilização, identidade, cultura e tradição. Os estudos culturais no campo das ciências humanas se

voltaram para temáticas inovadoras e novas fontes. Assim, foi preciso inovar nas metodologias, nas técnicas, nas formas de abordagens e procedimentos. Ocorrem avanços dos estudos interdisciplinares, estudos sobre gênero- feminino e masculino-, sobre a sexualidade, sobre as várias formas de arte, música, literatura, artes plásticas, não como críticos de arte, mas analisando as obras em suas percepções e efeitos de sentidos. Ainda estudos sobre a infância, os alimentos, os camponeses, o cotidiano, as religiões, utilizam os recursos inovadores como a análise dos discursos, a desconstrução dos textos, o giro lingüístico, as análises fenomenológicas etc.

Segundo Hall, (1997: p.25) a cultura sempre foi importante e os seres humanos são seres interpretativos e intuitivos. A ação social é significativa para todos em razão dos momentos diversos os quais utilizam para codificar, regular e organizar, decodificar suas condutas uns em relação aos outros. As ciências humanas nem sempre deram à cultura a centralidade substantiva que ela merece. O que tem ocorrido agora com a chamada “*virada cultural*” a nova reconfiguração de elementos nas análises, com ênfase às múltiplas linguagens culturais. .

Em sua obra *Identidade Cultural na Pós-modernidade*, Hall, (1997) aponta uma crise como consequência do deslocamento ou descentralização do sujeito na mobilidade estrutural o que acarreta o surgimento da identidade universal. A modernidade provoca rupturas ocorrendo à fragmentação da identidade tradicional para uma identidade carregada de hibridismo. A maior característica desta identidade universal é o deslocamento das características antigas estabelecidas para a mobilidade e pluralidade simbólica cultural. Aparece então a amplitude simbólica que ultrapassa os limites geopolíticos das regiões e nações. Fica claro a tentativa do indivíduo para a assimilação do universal para sentir-se aceito, cidadão do mundo.

No mundo contemporâneo ocorre à busca de uma identificação global. As pessoas com a globalização querem se sentir incluído no meio social; com a internet também os jovens desejam se sentir parte deste mundo moderno. Esta modernidade que vivemos causa rupturas nas identidades tradicionais provocando a fragmentação e o hibridismo. Atualmente pensar a diferença tem sido ponto atualíssimo no mundo, preconceitos são abolidos e a convivência é fundamental em um mundo em conflito.

Destarte a cultura possibilita a partir deste entendimento a explicação em si mesma, oferecendo reflexões parciais das razões do por que as pessoas pensam e se

expressam em comportamentos específicos. O conhecimento da cultura num contexto gera um encontro com identidades múltiplas.

A prática docente guarda estrita correspondência com a cultura na qual ela se organiza, de modo que ao analisarmos uma determinada situação, poderemos inferir não só os conteúdos que, explícita ou implicitamente, são vistos como importantes naquela cultura como também, de que maneira aquela cultura prioriza alguns temas em detrimento de outros, isto é, podemos inferir quais foram os critérios de escolha que guiaram os professores.

Cabe ressaltar a quase inexistência de pesquisas que possam discutir a influência cultural na formação educacional no estado de Mato Grosso do Sul. Acreditamos que a influência das artes são constituidoras de sujeitos e a realidade de Coxim permite que possamos refletir sobre essa absorção, capacidade de resistência, renovação e novas possibilidades criativas.

A cultura interdisciplinar precisa ser assimilada com prazer cada vez maior e definitivamente implantada para a superação e renovação da prática educativa escolar, segundo Fazenda (2002), com seu leque de possibilidades subjetivas, criativas, afetivas, na ação objetiva, para a formação cultural do sujeito.

Ivani Fazenda, (2001) é a pioneira nos estudos interdisciplinares no Brasil, autora de várias obras. As primeiras pesquisas revelaram professores perdidos em suas funções, impedidos de revelar seus dons naturais, bloqueados nas suas criações, robotizados nas tarefas cotidianas, desapontados e alienados. A Interdisciplinaridade como tudo que é inovador, indica nova postura e transformações nas práticas docentes. Em vista disso a busca de novas alternativas e a conquista de uma nova atitude, nova visão, nova reflexão sobre a existência.

Fazenda, (1995) partiu da necessidade do professor trazer o conhecimento vivenciado, não só refletido, mas percebido e sentido. Gestando estas idéias, o sujeito na perspectiva interdisciplinar duvida das teorias postas e inquestionáveis, compreendendo como incompletas para as práticas cotidianas e existenciais. Parte-se para a busca da *marca registrada*, pessoal na práxis. Esta marca registrada passa pela subjetividade, pela metáfora interior.

A pesquisa interdisciplinar tem sido orientada pela recuperação das histórias de vida, a utilização dos recursos da hermenêutica, o uso das metáforas, a importância atribuída à subjetividade e a dimensão simbólica.

É importante buscar compreender a relação *cotidiano e cultura*. Como afirma Alves, (2003) é preciso compreender a riqueza, diversidade e complexidade. Nos estudos desenvolvidos no cotidiano sobre a cultura pensada na sala de aula – cultura presente nas múltiplas linguagens, ideologias e objetos. Ver os modos como estas expressões culturais estão sendo refletidas e apreendidas em cada sujeito, através das diversas redes cotidianas no caso na escola.

Dessa forma, podemos viver os nossos padrões culturais como uma dentre outras possibilidades, abrindo-nos para a aventura do encontro com a alteridade. É sob esta perspectiva que a educação intercultural se preocupa com as relações entre seres humanos culturalmente diferentes uns dos outros. Não apenas na busca de apreender o caráter de várias culturas, mas, sobretudo na busca de compreender os sentidos que suas ações assumem no contexto de seus respectivos padrões culturais e na disponibilidade de se deixar interpelar pelos sentidos de tais ações e pelos significados constituídos por tais contextos.

No espaço escolar precisamos estar atentos para acolher o que os alunos nos dizem, para compreender os sentidos que suas ações e posições assumem no contexto de seus respectivos padrões culturais. Se adotarmos uma imagem universal de criança e de infância esta imagem será produtora da desconexão do saber escolar dos fatos e acontecimentos que envolvem as suas vidas, a cultura presente no cotidiano. E sendo universalizante e homogeneizante, tal imagem assumida não seria também responsável pela desconsideração das diferenças, que dificulta o reconhecimento e a comunicação entre as culturas escolares e as culturas vividas? Pensamos que sim.

É possível compreender que “as pessoas se educam em relação, mediatizadas pelo mundo, ao mesmo tempo em que seus respectivos mundos culturais e sociais se transformam, mediatizados pelas próprias pessoas em relação”. (FREIRE, 1987) Tal concepção de educação trás a necessidade de se ressignificar a concepção de *educador*. Se o processo educativo consiste na criação e desenvolvimento de *contextos* educativos, e não simplesmente na transmissão e assimilação *disciplinar* de informações especializadas, ao educador compete à tarefa de propor estímulos que ativem as

diferenças entre os sujeitos e entre seus contextos (histórias, culturas, organizações sociais) para desencadear a elaboração e circulação de informações das diferenças e das transformações que se articulem em diferentes níveis de organização seja em âmbito subjetivo, intersubjetivo, coletivo, seja em níveis lógicos diferentes.

Educador, nesse sentido, é propriamente um sujeito que se insere num processo educativo e interage com outros sujeitos, dedicando atenção às relações e aos contextos que vão se criando, de modo a contribuir para a explicitação e elaboração dos sentidos principalmente à percepção, significado e direção que os sujeitos em relação constroem e reconstroem. Nesses contextos, o *currículo* e a *didática*, mais do que um caráter lógico, terão uma função primordial para o repasse hierárquico de informações e preparar recursos capazes de ativar a elaboração de informações entre sujeitos, de modo que haja relação de reciprocidade entre si e com o próprio ambiente.

A abordagem de análise para a pesquisa será a fenomenologia:

A fenomenologia basicamente se guia pelos caminhos da experiência, e assim sugere uma tomada reflexiva da vivência, abrindo possibilidades de observar as coisas como elas se manifestam. Trazendo à consciência novos olhares, para permitir um redimensionamento dos fazeres. Ao tratarmos das práticas educativas, evidenciamos a necessidade de buscar um olhar intencional que possa nos desvelar formas diferenciadas no fazer pedagógico. Compreendendo que em todo processo somos sujeitos, e estamos em constante elo com o outro no movimento das mudanças e transformações dialeticamente intenso. (ROJAS, 1998: p.5)

O desafio está posto envolver a criança e o jovem para conhecer o mundo fascinante das múltiplas expressões da cultura na sociedade por meio da escola e do encaminhamento do professor, de forma interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. Não-lugares introdução à antropologia da supermodernidade, São Paulo: Papirus, 1994.
- ALVES, N. Cultura e cotidiano escolar In. Revista Brasileira de Educação, no.23, 2003.
- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. CHARTIER Roger (Org.). História da vida privada 3 : da Renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BENJANIM, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Sumus, 1984.
- BAUER, M.W.; GASKEL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução Pedrinho Guareschi, Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BURKE, P . *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo, Companhia das letras, 1990.
- BROUGÈRE, G. Brinquedo e cultura. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção questões da nossa época).
- CASTRO, Lúcia Rabello de (Org.). Crianças e jovens na construção da cultura. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2001.
- CERTEAU, M. A Cultura Plural. Campinas, Papirus, 1995.
- CHARTIER, R. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro/Lisboa. Bertrand/Brasil/Difel, 1990.
- CHAUÍ, M. Convite à filosofia. 13ª. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- FAZENDA. I. Dicionário em construção: interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001. _____ Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. São Paulo: Papirus, 1995.
- _____. Práticas interdisciplinares na escola. São Paulo: Cortez, 2002.
- FLEURY, R.M. Intercultura e educação. In Revista Brasileira de Educação no. 31
- FREIRE, Aprendendo com a própria história. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GUSDORF, G. La vertu de la force. Paris: PUF, 1967.
- GEERTZ, C., (1989). A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora.
- HALL, Stuart. Identidade Cultural na pós-modernidade. São Paulo: DP&A, 1997.
- HUNTINGTON, S. O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- LYOTARD, A condição pós- moderna. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.
- MORIN, E, Epistemologia da Complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas.

ORTIZ, R.. As ciências sociais e a cultura. Tempo Social; Rev. Sociologia USP, São Paulo no. 14(1): 19-32, maio de 2002.

OLIVEIRA, A. M. R. de, (2002). Entender o outro (...) exige mais, quando o outro é uma criança: reflexões em torno da alteridade da infância no contexto da educação infantil. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/25/alessandrarottaoliveirat07.rtf>>. Acesso em: 2009.

ROJAS, S. J. Interdisciplinaridade na ação didática: momento de arte/magia do ser professor. – Campo Grande, MS: Editora UFMS, 1998.

ROJAS, S. J. Momentos de Ludicidade Construtiva nas Práticas Pedagógicas portuguesas. Editora Universidade de Aveiro-Portugal, 2004. CD-ROM

WILLIAMS, Raymond. Culture & society. New York, Columbia University Press. 1983.